

## MACHADO DE ASSIS E A TRAGICIDADE MODERNA

**Evellin Naianna Souza Oliveira Gomes<sup>1</sup>; Flávia Aninger de Barros Rocha<sup>2</sup>**;

1. Bolsista PIBIC-Af/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: evellinoliveirag@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: flavianinger@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** tragicidade; estudos de Machado de Assis; modernidade.

### INTRODUÇÃO

Busca-se, através deste trabalho, abordar os fundamentos do trágico moderno e antigo, encontrados em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1880), de Machado de Assis. Notou-se a presença maciça de questões trágicas no cotidiano dos personagens analisados. Acontecimentos reais e imaginários desencadeavam diversos momentos de questionamento, imersão em si, sendo necessária uma análise dos personagens sobre a própria vida e seu percurso. A tragédia clássica grega trabalha com questões individuais do homem que incidem sobre o coletivo; a tragédia moderna lida com questões filosóficas atemporais e mais as questões próprias da modernidade. Para construção do trabalho, buscou-se base em artigos como o de Santos (2005), Barbosa (1989), Paz (1984), e, também, uma busca direta a partir de análises da obra de Sófocles, “Édipo Rei”.

Reconhecer a tragicidade, seja ela clássica ou moderna, é de grande importância para que se construa uma leitura aprofundada do texto, aproximando o leitor da obra que lê, convidando-o a refletir, em busca de novas leituras que complementem os sentidos encontrados. Tal reconhecimento faz ligação com o elemento central da pesquisa desempenhada: a intertextualidade, termo desenvolvido por Kristeva (1974) e abordado por Santos (2008).

### MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia utilizada para alcançar o propósito aqui exposto foi o estudo bibliográfico acerca da Tragédia Grega como exposto por Adilson dos Santos (2005) e estudos intertextuais por Mendes (1992) e Santos (2008). Foram utilizados textos de autoria de Octavio Paz (1984), bem como algumas leituras acerca das narrativas machadianas, como Barbosa (1984). Além da leitura bibliográfica, adiciona-se como aspecto metodológico a atual pesquisa em curso em Intertextualidade a partir da bolsa concedida pelo CNPq e vinculada ao projeto de pesquisa Janela de Tomar: matrizes culturais em narrativas portuguesas e brasileiras (CONSEPE 086/2012) do Departamento de Letras e Artes (DLA) da UEFS.

### RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Notou-se, durante a referida pesquisa, a presença maciça das questões trágicas nos contos e na narrativa principal analisada. De modo geral, acontecimentos reais e imaginários que permeiam a vida dos personagens, desencadeiam diversos questionamentos sobre a vida e a existência, provocando reflexão. Este fato pertence ao campo da tragicidade, em que o homem se indaga sobre sua existência e o inevitável; na tragédia grega, as novas verdades e desafios para o indivíduo e o coletivo – traço que vem a ser absolutamente moderno – levam o herói a questionar todos os aspectos que o rodeiam. Conforme Mário Matos (1986), “os outros fazem os personagens atuar. Machado fá-los pensar”.

O herói trágico, encontrado em obras de Machado de Assis, é um herói reflexivo. O fato de termos um “defunto autor”, como se denomina o narrador das *Memórias Póstumas*, traz o maior elemento de tragicidade: o que é mais trágico do que falar diretamente do lugar inevitável, o espaço da morte? Brás Cubas é um interlocutor que fala de um lugar privilegiado, onde nada mais pode atingi-lo.

Estabelecido fora da verossimilhança realista, sem nenhum compromisso com a linearidade tradicional das narrativas, o texto problematiza a condição do leitor diante da ficção. Para extrair sentidos, o leitor precisa celebrar o pacto ficcional com um narrador que lhe fala a partir de um lugar desconhecido para todos os homens, a morte. Diferente das biografias em que a morte do autor autoriza e confere credibilidade à narrativa, Brás, como narrador morto, anula essa autenticidade, o que pode ser considerado como mais uma ironia de Machado.

Os personagens machadianos, pessimistas e irônicos, buscam investigar as questões que lhes surgem; muitas vezes optando pela introspecção – traço clássico da presença da tragicidade, do homem que entra em conflito com o que considera como o incontrolável da vida. Assim, a trajetória dos personagens machadianos, bem como a trajetória de Édipo, é uma busca do homem por respostas, representada também na busca do emplasto de Brás Cubas, invenção que, se alcançada por Brás, seria a cura para todas as dores.

Brás não se coloca contra o modo de viver de sua época, e nem se acomoda a ele. Estuda a ciência, mas essa não lhe oferece instrumentos para entender a vida; ama, mas o amor de sua vida, Virgília, jamais se torna sua; a ideia fixa que desenvolve ao longo da vida é a melhor possível e nunca se torna em realidade; sua atuação como jornalista e político não traz nenhum benefício à sociedade.

Deste modo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra permeada de um pessimismo schopenhaueriano, perspectiva na qual a vida resulta em absoluto sofrimento; o homem é um pêndulo que transita entre o entediar-se e o sofrer. Nunca está satisfeito com o que possui e, portanto, tende a vagar até deparar-se com a face da morte. Cubas é, portanto, a representação de tal pêndulo: sua busca constante por novas razões para a vida o deixa completamente sem nenhuma, pois nada lhe é suficiente. Seus amores são prova disso.

Quando, seguindo “a proposta paterna” (BARBOSA, 1989, p. 117), resolve casar-se com Virgília, esta exerce, por sua vez, o seu papel de pêndulo, buscando algo melhor – representado pela figura de Lobo Neves – que lhe proporcionaria uma ascensão maior, em menor tempo. Cubas novamente se vê sem a possibilidade de concretizar seu desejo.

O relacionamento entre Brás e Virgília é complexo. Dentro do contexto do pessimismo schopenhaueriano, mesmo que se amem, Virgília nunca pode pertencer a Cubas, e este mantém-se sempre em busca dela. Deste modo, justifica-se o fato do relacionamento extraconjugal deles, em outra fase da vida, depois que Virgília se casa. Virgília ainda traz para Brás Cubas a esperança de ter um filho, entretanto, perde-o ainda antes da barriga fazer-se visível. Neste ponto, poderíamos dizer que, para Cubas, ter filhos lhe renderia algum tipo de saldo, afinal, teria colaborado para que Pandora pudesse deliciar-se futuramente a devorar mais uma criatura; entretanto, por não transmitir “a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”, encontra-se com o saldo absoluto de negativas.

Do outro lado da vida, conforme Barbosa (1989), Cubas está em pleno gozo da voluptuosidade do nada: o homem que finalmente acerta as contas com a vida e dela extrai o que pode, goza de um lugar em que não há alegrias, mas também não há mais dores. Como no trecho: “Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar (...)” (ASSIS, 2012, p. 113). Brás Cubas buscou a realização de um emplasto que seria a cura para todos os males da vida. Mas, seria este emplasto, ou cura dos males da vida, a própria morte? Parece-nos estar diante de mais um elemento da tragicidade: procurar por toda a vida um paliativo ou remédio para as dores do mundo, mas sempre em vão.

O trágico, muito embora popularmente ligado à morte ou a um desfecho sem ventura – como em conceitos populares – é portanto, um conceito ligado à reflexão e introspecção. O herói trágico é aquele que consegue refletir sobre o seu lugar e o mundo em que se insere, sobre suas questões. É o herói que consegue ver como suas ações pessoais atingem o coletivo, dentro da perspectiva da tragédia grega; e é também quem consegue meditar sobre a existência, o destino, o acaso, o inevitável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Conclui-se, portanto, que os elementos do trágico são inúmeros, e que é necessário que se faça uma análise, e busca minuciosa, sobre cada um deles na obra machadiana. O trágico mostra-se, nas obras lidas, de diversas maneiras e sob diferentes aspectos e prismas.

Inicialmente pensava-se uma intertextualidade baseada na tragicidade grega, portanto, antiga. Entretanto, nota-se a necessidade de uma busca maior, adentrando nos caminhos da tragicidade moderna, em que o homem vivencia outras questões, ainda que ligadas ao ser e estar no mundo. Machado de Assis, sendo um autor da modernidade provoca seus leitores a respeito de muitas questões, como as inevitabilidades da vida, a morte e o amor.

Quando, findando *Memórias Póstumas*, vemos todos aqueles que estiveram ligados a Cubas morrerem, seus amores terminarem, podemos notar a partir disto a necessidade do homem de lidar com tudo aquilo que está fora do seu controle. A vida de Cubas se assemelha a uma espécie de teste, em que o homem, para entendê-la, precisa lidar com perguntas que são, também, inevitáveis.

Afirma Mario Vargas Llosa (2004, p. 25) que “a ficção enriquece nossa existência, e transitoriamente, nos compensa desta trágica condição que é a nossa: a de desejar e sonhar sempre mais do que podemos realmente alcançar”.

Entendemos assim, como conclusão possível a partir desta pesquisa e do estudo da Literatura de modo geral, que esta ocupa um papel especial por favorecer que muitas questões humanas sejam investigadas em suas complexidades. Deste modo, ao explorarmos os caminhos dos textos literários podemos alcançar novas compreensões, ainda que provisórias.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BARBOSA, J. A. **A Volúpia Lasciva do Nada: uma leitura de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”**. Revista USP, maio/abril de 1989. P. 107-120. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25447>. Acesso em: Janeiro de 2018.
- COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. 1 ed, 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- JOUBE, V. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.
- LLOSA, Mario Vargas. *A Verdade das Mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.
- MATOS, Mário. “Machado de Assis, contador de histórias”. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. (Obra completa, v. I).
- MENDES, N. M. **Intertextualidade: noções básicas**. In: *Teoria da Literatura na escola*. Org.: PAULINO, G.; WALTY, I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- PAZ, O. **A Tradição da Ruptura**. In: PAZ, O. *Os Filhos do Barro: do Romantismo à Vanguarda*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. P. 17-35.
- PETIT, M. **A Arte de Ler: ou como resistir às adversidades**. 2 ed, 3 reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, M. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva**. 2 ed, 2 reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SANTOS, A. dos. **A Tragédia Grega: um estudo teórico**. Revista Investigações, v. 18, n, 1, 2005. UFPE. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1501>. Acesso em: Novembro de 2017.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução: Mário da Gama Kury. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.